RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

VIVER DO MAR. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA DAS COMUNIDADES PISCATÓRIAS DE ARTE XÁVEGA EM PORTUGAL

LIVING FROM THE SEA. SOCIO-ECONOMIC CHARACTERIZATION OF THE FISHING COMMUNITIES OF ARTE XÁVEGA IN PORTUGAL

Maria de Fátima Pereira Alves[1], Paula Teresa Abreu Casaleiro[2], Isabel Cristina Sá Gonçalves Valentim[3], Jorge Miguel Gouveia Neto[4], Paula Cristina de Oliveira Castro[5], Miguel Ângelo Carmo Pardal[6]

Submetido em: 17/08/2021 e29633
Aprovado em: 27/09/2021 https://doi.org/10.47820/recima21.v2i9.633

RESUMO
Este artigo visa caracterizar a pesca com arte xávega do ponto de vista socioeconómico. A arte xávega é um método artesanal de pesca praticado em Portugal desde o século XV, tendo conseguido sobreviver até aos dias de hoje. A pesquisa foi feita com recurso a um inquérito por questionário aplicado em 2018 a comunidades piscatórias da arte xávega, em praias das regiões norte, centro e sul de Portugal continental. A partir destes dados, identificam-se perfis sociodemográficos e económicos de pescadores para compreender as diferentes lógicas de relações que estas comunidades mantêm com esta pesca e com o mar, em particular os seus recursos marinhos. Constata-se que as práticas com a arte xávega traduzem configurações sociais, económicas, ambientais e culturais diversificadas e plurais, e mobilizam uma comunidade mais ampla e heterogénea do que aquela que lhe é comummente associada, refletindo diferentes lógicas de relação entre pescadores e ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Xávega. Pesca Artesanal. Pescadores. Recursos Marítimos. Interações Socioambientais.

ABSTRACT
This paper aims to characterize the arte xávega (Xávega fishing gear) from a socioeconomic point of view. The arte xávega is an artisanal fishing method practiced in Portugal since the 15th century, having been able to survive until today. Based on a survey with fishing communities of arte xávega, carried out in 2018 on beaches in the north, center and south of Portugal, the paper identifies sociodemographic and economic profiles of fishermen to understand the different logics of

[1] Doutora em Sociologia. Professora Associada da Universidade Aberta, Porto. Coordenadora da Extensão do Centre for Functional Ecology, Science for People & the Planet (CFE) da Universidade de Coimbra na Universidade Aberta. Colaboradora do CEMRI - Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais, Universidade Aberta. Coordenadora do Grupo de Investigação Sociedades e Sustentabilidade Ambiental do CFE / Universidade de Coimbra. Endereço institucional: CFE/UC, Departamento de Ciências da Vida.
[2] Doutora em Sociologia do Direito. Investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra e membro do Núcleo de Estudos sobre Democracia, Cidadania e Direito. Endereço institucional: CES/UC, Colégio de S. Jerónimo - Coimbra. Universidade de Coimbra
[3] Doutora em Sociologia. Investigadora do Centre for Functional Ecology, Science for People & the Planet (CFE) da Universidade de Coimbra e membro do Grupo de Investigação Sociedades e Sustentabilidade Ambiental do CFE / Universidade de Coimbra. Endereço institucional: CFE/UC, Departamento de Ciências da Vida.
[4] Mestre em Sociologia. Foi bolseiro de investigação no Centre for Functional Ecology, Science for People & the Planet da Universidade de Coimbra. Universidade de Coimbra
[5] Doutora em Biologia, especialidade em Ecologia. Investigadora do Centre for Functional Ecology, Science for People & the Planet (CFE) da Universidade de Coimbra. Co-coordenadora do Grupo de Investigação Sociedades e Sustentabilidade Ambiental do CFE / Universidade de Coimbra. Endereço institucional: CFE/UC, Departamento de Ciências da Vida.
[6] Doutor em Biologia, especialidade em Ecologia. Professor Catedrático da Universidade de Coimbra. Coordenador do Grupo de Investigação Ecossistemas Marinhos e Costeiros do Centre for Functional Ecology, Science for People & the Planet da Universidade de Coimbra. Endereço institucional: CFE/UC, Departamento de Ciências da Vida.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

relationships that they maintain with this traditional fishing and with maritime resources. It appears that arte xávega reflects diverse and plural social, economic, environmental and cultural positions, and mobilizes a broader and more heterogeneous community than that which is commonly associated with it, which reflects different logics of relationship between the fishermen and the environment.

KEYWORDS: *Arte Xávega. Artisanal Fishery. Fishermen. Maritime Resources. Social and Environmental Interaction.*

1. INTRODUÇÃO

A arte xávega é classificada pelo organismo estatal português da Direção Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM) como um "método de pesca que utiliza uma estrutura de rede com bolsa e grandes asas laterais que arrastam e, previamente ou em simultâneo, envolvem ou cercam" o pescado[1]. As redes do tipo xávega existiam na costa do sul de Portugal pelo menos desde o século XV, tendo coexistido durante muito tempo diversas artes de arrasto para terra, como as bargas, as varinas, as chincas ou os chinchorros (Pereira et al., 2015; Souto, 2007). Neste sentido, destacam-se as origens árabes desta pesca em que o termo "xávega" deriva da expressão árabe "Xábaka" que denomina a "rede" e o aparelho de arrasto que depois é alado até à praia (Pereira et al., 2015).

A rede ou arte de xávega é manobrada com o auxílio de animais ou a equipamentos mecânicos, como o gado ou os tratores. A frota pesqueira da arte xávega é composta, principalmente, por pequenas embarcações em forma de meia-lua e pintadas com branco, vermelho, azul, amarelo e verde. Em média, as dimensões apresentam 7,8 m de comprimento (e geralmente menos de 12 m), tonelagem de 3 GT e 19 anos (Martins et al., 2014), correspondentes à definição da União Europeia de pequena pesca.

Os participantes e todo o equipamento que integram a pesca com arte xávega estão organizados nas designadas companhas, isto é, em fainas cujas dinâmicas são vitais na preservação e manutenção da identidade de grupo, e que se estruturam em função dos sujeitos intervenientes e das tarefas, das funções e das responsabilidades específicas atribuídas a cada um (Nunes, 2005). As companhas dividem-se em dois tipos: companhas de mar e companhas de terra, sendo que estas últimas podem ter a participação de mulheres (Amorim, 2001; Nunes, 2005; Souto, 2007).

A pesca com arte xávega consiste num método de pesca ecologicamente sustentável (Viegas & Tedim, 2012) mas que, apesar de ainda ser praticada na zona costeira portuguesa[2], encontra-se em declínio em Portugal, chegando a ser entendida por Souto (2007) como tendo "a morte anunciada" (Souto, 2007, p. 110). Esta situação está associada, entre vários outros fatores, à mecanização dos procedimentos e técnicas, à diminuição do número dos participantes, ao envelhecimento das comunidades piscatórias e à regulação legislativa restritiva (Cano, 2013; Souto,

[1] Ver Direção Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM) (s/d) Envolvente Arrastante - Arte Xávega: < https://www.dgrm.mm.gov.pt/envolventes-arrastantes>

[2] De acordo com Souto (2017), é nas praias de Mira (Região Centro) e de Esmoriz (Região Norte) que decorre um maior número de companhas da arte xávega em Portugal.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

2007; Veiga et al., 2016). No entanto, é a pequena pesca costeira e estuarina que tem tradicionalmente dominado a exploração dos recursos pesqueiros nas águas portuguesas (Leitão & Baptista, 2017).

Igualmente, a pesca artesanal continua a ser social, cultural e economicamente importante para as comunidades costeiras locais (Braga et al., 2018; Cano, 2013; Gato, 2018; Leitão & Baptista, 2017; Veiga et al., 2016; Viegas, 2020). Importa notar, assim, que as artes de pesca têm impacto não só na disponibilidade de recursos naturais e aquáticos, como também nas comunidades que vivem diretamente da exploração desses recursos e com eles criam relações a nível social, cultural, epistemológico e simbólico. O que interfere, igualmente, nas atividades que se situam a montante e a jusante das pescas (como a indústria de conserva e o comércio) (Moniz et al., 2000).

Consequentemente, para se compreender as relações das comunidades locais com a arte xávega é necessário seguir uma abordagem socioambiental que privilegie o cruzamento das dimensões biológica e ecológica, económica e social, em constante diálogo com um conjunto de especificidades locais (Nunes, 2005). Para tal, a simples abordagem biológica, ecológica ou bioeconómica não são suficientes para perceber o universo haliêutico em que se situa a arte xávega.

Este artigo visa contribuir para entender as particularidades da arte xávega, nomeadamente procura compreender os perfis sociodemográficos e económicos das comunidades piscatórias que a praticam, mas também que tipo de relação mantêm com a arte xávega e com a exploração dos recursos marinhos. O texto divide-se em duas partes. Num primeiro momento apresentamos a revisão da literatura e uma contextualização da pesca com arte xávega em Portugal e, a seguir, uma caracterização demográfica e socioeconómica das comunidades piscatórias que a praticam. Esta caracterização é feita com base na análise de um inquérito por questionário aplicado no ano de 2018 a 83 pescadores das comunidades piscatórias nas regiões norte, centro e sul de Portugal.

2. REVISÃO DA LITERATURA E CONTEXTO

Com uma extensa zona costeira, as principais artes de pesca praticadas em Portugal são: o cerco, o arrasto, redes de emalhar e tresmalhe, o palangre, a ganchorra, armadilhas e a xávega (Antunes, 2007). A frota de pesca portuguesa é diversa e pode ser classificada em dois grupos: pesca artesanal, local e costeira; e pesca do largo (idem).

Na literatura científica sobre a pesca com arte xávega em Portugal, destacamos as investigações nas áreas da história, da sociologia, da geografia, da antropologia social e da arqueologia. Seguindo diferentes abordagens metodológicas, estes estudos focam-se nas dinâmicas socioculturais, simbólicas e económicas desta prática de pesca, e sua relação com processos de preservação e de resistência, passando por políticas de patrimonialização e turistificação da arte xávega[3] (ver Cano, 2010, 2011, 2013; Escallier, 2018; Gato, 2018; Marques, 2010, 2011; Nunes,

[3] Neste aspeto, é importante fazer referência à inclusão da arte xávega (praticada na Costa da Caparica, município de Almada) no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, no ano de 2017: cf. notícia em

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

2004, 2005, 2019; Peralta, 2008; Pita & Gaspar, 2020; Rodrigues, 2013; Santos, 2015; Silva, 2014; Soares, 2016; Viegas, 2020). Igualmente, análises sociológicas têm vindo a revelar uma preocupação com os recursos marítimos e sua gestão, no contexto alargado da proteção ambiental, e, por outro lado, têm equacionado questões relacionadas com o impacto das mudanças técnicas e da adesão comunitária na sobrevivência das comunidades de pesca artesanal (Amorim, 2001; Garrido, 2018; Moniz et al., 2000; Souto, 2007). A nível institucional, nos últimos anos, o Estado promoveu, através do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) e/ou da Direção Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM), diversos estudos científicos sobre o funcionamento e impacto ambiental da arte xávega (numa abordagem de cariz sobretudo biológico e/ou ecológico).

É frequente a ideia de que a pesca com arte xávega tem a vida em contagem decrescente. A arte xávega é caracterizada como sendo uma pescaria com um grau altamente aleatório, dependendo a pesca e o nível das capturas do estado do mar, das condições meteorológicas e da disponibilidade e diversidade do pescado (Jorge et al., 2002). Também, a debilidade desta pesca acentua-se devido aos investimentos necessários, tais como tratores, aladores, embarcação e artes (Jorge et al., 2002) e à desigualdade da distribuição da riqueza gerada por este segmento da pesca artesanal local (Martins et al., 2000), sendo a maior parte da riqueza absorvida a jusante.

No início do século XX, a pesca com arte xávega, executada com o auxílio de duas embarcações, passa a utilizar uma única, de maior dimensão, que possibilita levar todo o *aparelho*[4] (Souto, 2007). Assim, na primeira metade do século XX operaram em algumas praias da costa (Furadouro, Torreira, Vagueira, Mira) grandes embarcações, de quatro remos, tripuladas por dezenas de homens, com o auxílio de bois (Martins et al., 2014). Mais tarde, as décadas de 1960 e 1970 marcam o fim do período das grandes xávegas, provavelmente por falta de mão-de-obra, na sequência dos recrutamentos para a Guerra Colonial, emigração e trabalho em pesca industrial (Souto, 2007).

No fim da década de 1970, a par da redução na dimensão das embarcações dá-se início à motorização de algumas delas. O início da década de 1980 regista, de acordo com Santos et al. (2012), um breve ressurgimento desta arte graças à crise petrolífera e, consequentemente, à crise da pesca longínqua, que obriga um retorno à pesca artesanal. Também, neste período, começou a generalizar-se a motorização das embarcações e a alagem das redes com o auxílio de aladores acoplados a tratores (Souto, 2007), reduzindo o número de pessoas necessárias para o exercício desta arte.

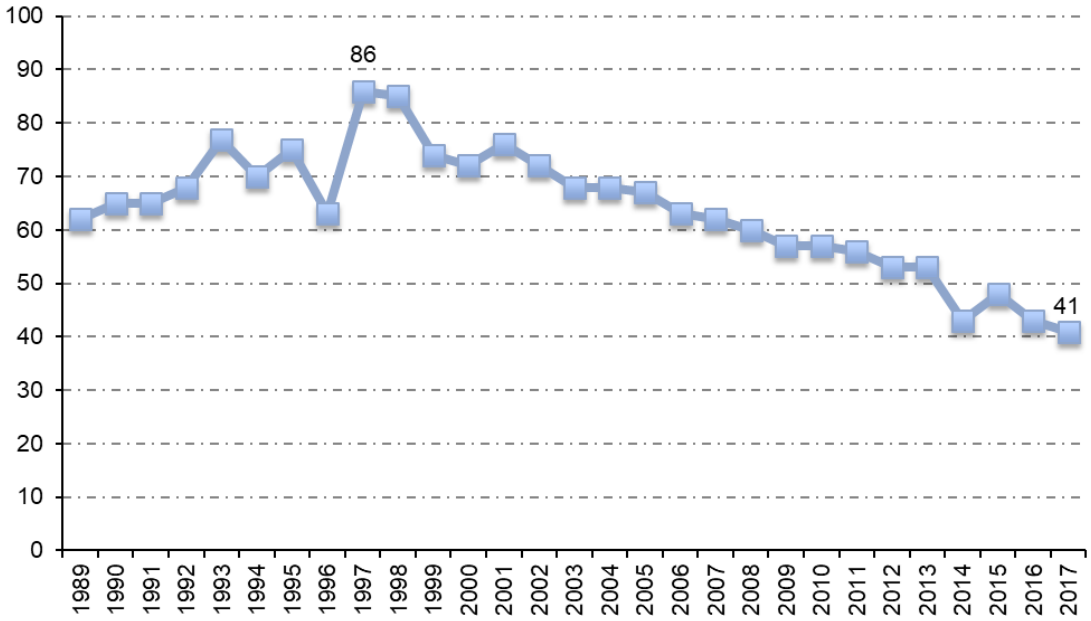
costadecaparica.com. A Arte Xávega é agora Património Cultural Imaterial de Portugal. <http://www.costadecaparica.com/2017/03/06/arte-xavega-agora-patrimonio-cultural-imaterial-portugal/>
Igualmente, verifica-se uma crescente museologização da arte xávega através da construção de espaços expositivos de preservação e memorização da arte xávega, destacando-se na Região Centro de Portugal o Centro de Interpretação de Arte Xávega (CIAX) na Praia da Tocha, município de Cantanhede (Muñoz, 2018).

[4] O *aparelho* refere-se aos cabos da rede de xávega (as cordas) puxados na praia pelos tratores ou gado, e que estão sinalizados com bóias brancas ou vermelhas que indicam as extremidades da rede (Nunes, 2005).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Porém, após este momento de ressurgimento, o número de embarcações licenciadas para a arte xávega tem vindo progressivamente a diminuir, desde meados da década de 1990, tendo reduzido para quase metade no espaço de 15 anos. (Gráfico 1) Em 2017, apenas cerca de 40 embarcações com arte xávega estavam licenciadas em Portugal. Distribuíam-se essencialmente por dois setores da costa: o primeiro na Costa da Caparica, Fonte da Telha e Praia do Meco (Península de Setúbal) e o segundo em Espinho e na Praia da Vieira. No Algarve, atuavam apenas 2 embarcações na praia da Meia Praia (Lagos).

Gráfico 1 – Número de embarcações licenciadas para a arte xávega entre 1989 e 2017



Fonte: DGPA - Direção-Geral das Pescas e Aquicultura (para o período de 1989 até 2012) e da DGRM (Direção Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (desde 2013 até 2017).

Este declínio é indissociável da entrada em 1986 de Portugal na União Europeia (então CEE), e à consequente adoção da Política Comum das Pescas (Coelho, 2000; Santos et al., 2012). As restrições impostas com a adesão à UE, a redução dos stocks de pescado (Moniz et al., 2000) e a proibição de concessão de novas licenças (Portaria nº 488/96, de 13 de setembro)[5] criam maiores dificuldades de acesso a bancos de pesca tradicionais (Leitão & Baptista, 2017; Veiga et al., 2016).

[5] A Portaria nº 488/96 aprovou o Regulamento da Pesca com a Arte de Xávega, destacando-se o seguinte: a limitação da expansão da arte xávega, ao proibir a concessão de novas autorizações/licenças; restrição da atuação das xávegas, ao limitar as dimensões da arte (art. 3), a área de operação (art. 4) e o período de atuação na época balnear (art. 5); e determinação da interrupção dos lanços até ao virar da maré, sempre que nas capturas de um lanço predominem espécies subdimensionadas (art. 6) (Portaria nº 488/96, de 13 de Setembro).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Não obstante este processo de declínio e da reduzida contribuição do ramo da Pesca e Aquicultura para o produto interno bruto (PIB)[6], o setor primário da pesca assume uma importância socioeconómica de relevo. Segundo dados da Comissão Europeia, Portugal é o quarto país da UE com maior número de empregos nas pescas, existindo zonas costeiras com um elevado nível de dependência do setor pesqueiro (European Comission, 2016). Em particular, "esta dependência […] assume particular relevância na pequena pesca, também denominada artesanal […]" (Afonso-Dias et al., 2007, p.1).

A pesca artesanal, considerada como o setor mais importante em termos sociais e económicos ao garantir um grande número de postos de trabalho e o desembarque do pescado fresco de maior valor comercial (Antunes, 2007), está fortemente ligada a pequenas comunidades de "trabalhadores do mar" (Nunes, 2005, p.151) que se distribuem ao longo da costa portuguesa e que utilizam, em geral, modelos sustentáveis de exploração dos recursos aquáticos (Viegas & Tedim, 2012).

Simultaneamente, e a par das limitações legais ao exercício da arte xávega, esta arte tem alcançado valor cultural, simbólico e identitário, passando a ser vista pelas autarquias (e pelos próprios pescadores, como se percebe dos inquéritos) como património cultural e mecanismo de pertença e desenvolvimento local, notando-se um processo de patrimonialização e turistificação da arte xávega promovida por instituições locais (Rodrigues, 2013; Viegas, 2020). No entender de Peralta (2008) talvez resida na erosão da costa a explicação para a crescente patrimonialização dos despojos vivenciais, que mobiliza cada vez mais pessoas, suscita festividades, estimula o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de museus do mar e da pesca. Este processo de revitalização através do discurso de valorização do Mar enquanto recurso identitário e económico contrasta "com a falência competitiva da nossa frota pesqueira, com a decadência da nossa indústria naval […]" (Peralta, 2008, p.35).

É importante salientar que essa valorização cultural nacional e local deste tipo de pesca tem sido acompanhada, ao longo da segunda década do século XXI, por um maior envolvimento de cientistas e das comunidades piscatórias na gestão dos recursos de pesca e no reconhecimento da relevância cultural, ecológica, simbólica e económica da pesca com arte xávega (Alves et al., 2021; Pita & Gaspar, 2020).[7] Paralelamente, assiste-se à valorização feita no âmbito da política europeia de pescas que levou a uma maior flexibilização das leis que regulam a pesca de pequena escala, artesanal e costeira (Alves et al., 2021; Leitão & Baptista, 2017; Martí, 2017; Pascual-Fernández et al., 2020), bem como a esforços para uma visão holística que considere o ambiente e o planeta à luz dos objetivos do desenvolvimento sustentável preconizados pela Agenda 2030 das Nações Unidas (Filho et al., 2017). Como referem Veiga et al. (2016), é cada vez mais incontestável que as pescas

[6] Em 2014, 0,18% do VAB nacional (INE, 2017).
[7] Neste processo de valorização destaca-se a criação em 2013 da Comissão de Acompanhamento da Pesca com arte-xávega pela Portaria n.º 4/2013, de 7 de janeiro, a defesa do estudo desta arte pela Portaria nº 104/2015 de 9 de abril e, mais recentemente, a Portaria nº172/2017 de 25 de maio que enaltece o valor etnográfico e socioeconómico da arte xávega.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

de pequena escala ("small scale fisheries") contribuem para a criação e manutenção de empregos em regiões vulneráveis; para a promoção da saúde e do bem-estar social, cultural, ambiental e económico das comunidades costeiras, e para a garantia de produtos pesqueiros frescos de alta qualidade para o mercado da UE.

Assim, é necessário considerar tantos fatores exógenos (regulamentação, alterações climáticas, turismo, políticas culturais), como fatores endógenos à própria arte (aleatoriedade das capturas, envelhecimento dos pescadores, comercialização, aumento dos custos com a atualização das embarcações, a gestão e a transmissão dos saberes tradicionais). Isto é, será importante considerar a relevância das interações culturais e socioambientais, como por exemplo o papel dos conhecimentos locais ecológicos e tradicionais dos pescadores na coprodução dos serviços dos ecossistemas marinhos (Farr et al., 2018; Outeiro et al., 2017; Rodrigues et al., 2017), bem como na preservação dos recursos naturais e da atividade piscatória artesanal (Loto et al., 2019; Pita et al., 2016). Mas, também, as características socioeconómicas das comunidades piscatórias e as relações que criam com o contexto socioecológico envolvente. Tal permitirá compreender melhor as dinâmicas desta arte de pesca (arte xávega), quem são os sujeitos que a praticam e em que condições o fazem. O que contribuirá para promover o engajamento destas populações na identificação de problemas e de necessidades, e a sua participação ativa na conceção e implementação de políticas públicas (Braga et al., 2018; Delicado et al., 2012) que sejam, acima de tudo, o produto de um diálogo e entrosamento entre saberes científicos e tradicionais (Roux et al., 2019), entre conhecimento local e adaptação às alterações climáticas (Branco, 2018).

Nas próximas secções apresentam-se a metodologia e a análise ao inquérito por questionário realizado a pescadores e armadores de arte xávega na zona norte, centro e sul do país no ano de 2018.

3. METODOLOGIA

A metodologia em que se baseia o presente estudo combinou a análise documental que inclui a consulta de bibliografia, a pesquisa em bases de dados estatísticos, a consulta de legislação, com a aplicação de um inquérito por questionário a 83 pescadores durante o ano de 2018. A pesquisa em bases de dados estatísticos foi feita pela recolha e análise descritiva dos indicadores disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) até 2017, de forma a dialogar com o trabalho empírico que foi desenvolvido em 2018. A pesquisa em legislação foi feita *online* através da análise de diferentes diplomas legais acessíveis na base de dados oficial portuguesa (Diário da República).

O inquérito por questionário[8] foi destinado a inquirir comunidades piscatórias da arte xávega em praias das zonas norte, centro e sul de Portugal continental. O inquérito teve como principal

[8] O questionário foi desenvolvido pela equipa da Linha de Investigação "Sociedades e Sustentabilidade Ambiental", no âmbito do projeto **ReNATURE - Valorização dos Recursos Naturais Endógenos da Região Centro** (Centro-01-0145-FEDER-000007) desenvolvido no *Centre for Functional Ecology - Science for People &*

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

objetivo identificar perfis sociodemográficos e económicos de pescadores para compreender as diferentes lógicas de relações que estas comunidades mantêm com esta pesca e com os recursos marítimos. Visou obter a caracterização demográfica e socioeconómica da comunidade piscatória, e adicionalmente incluiu para os armadores questões relativas à embarcação e aos custos e lucros obtidos com a arte. Este tinha um número reduzido de questões, na sua grande maioria fechadas, para que fosse de rápida e fácil aplicação, e encontrava-se dividido em 3 secções: dados pessoais, participação na arte xávega e dados da embarcação, sendo a última aplicada exclusivamente aos armadores das embarcações. Toda a informação recolhida e analisada salvaguarda questões éticas de confidencialidade, anonimato e implicou a autorização e consentimento prévio por parte dos inquiridos.

O inquérito decorreu entre o mês de junho e o mês de setembro de 2018 e foi aplicado nas praias durante a prática da pesca com a arte xávega, momento em que toda a companha estava presente e envolvida nas atividades na praia. Ou seja, a abordagem aos inquiridos ocorreu enquanto as redes eram lançadas ou puxadas ou o peixe era escolhido. Assim, os resultados não podem deixar de ter em conta os constrangimentos associados à nossa presença e à presença de outros pescadores, dos armadores e mesmo de turistas que assistiam quer à arte xávega, quer ao nosso trabalho de pesquisa.

Apesar da volatilidade do número de pescadores envolvidos nas companhas (10 a 15 pescadores), estima-se que esta arte de pesca mobilizasse em 2018 cerca de 600 pessoas (40 embarcações licenciadas e ativas em 2018 * 15 pescadores = 600) em todo o país. Para uma população estimada de 600 pescadores, com um nível de confiança 95% e uma margem de erro de 10%, calculou-se que a amostra deveria ser de 80 para ter um tamanho estatisticamente relevante. No total foram aplicados 83 inquéritos a 72 pescadores[9] e 11 armadores, ligados a 12 embarcações de 7 praias do país distribuídas na Região Norte (Espinho), Região Centro (Torreira, Praia de Mira, Praia da Tocha, Praia da Leirosa, Praia da Vieira) e Região Algarve (Meia Praia), o que corresponde a 10,9% da população estimada.

Na aplicação dos inquéritos procurou-se assegurar, por um lado, a participação de pescadores e armadores das principais comunidades de arte xávega, como a comunidade de Mira, e, por outro lado, abranger comunidades piscatórias de diferentes áreas geográficas para dar conta da heterogeneidade existente. De salientar que do total de questionários 21 foram obtidos junto de uma das companhas de Lagos (Meia Praia, Algarve, sul do país), que tem características muito

the Planet (CFE) da Universidade de Coimbra. Parte dos resultados apresentados e interpretados neste artigo integram a Parte 2 do Relatório Final do projeto ReNATURE concluído em 2020 (Alves et al, 2020), e que forneceu alguns elementos para a redação do Relatório de Estágio concluído em 2019 por Jorge Neto no âmbito do Mestrado em Sociologia da FEUC (entidade conferente do grau) e do projeto ReNATURE (que financiou essa pesquisa).

[9] Na base de dados foi criada mais uma categoria Mestre/Barco que é incluído aqui como Pescador, mas que respondeu às questões sobre a embarcação. Note-se que há barcos com mais do que um armador, tal como houve barcos onde não foi possível entrevistar o armador. Nos casos em que existia mais do que um armador, optou-se por aplicar as questões relativas à embarcação a apenas um deles.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

específicas, uma vez que opera quase exclusivamente aos fins-de-semana e sem recurso a qualquer tipo de mecanização. O tempo limitado de atuação e os recursos necessários para aplicar o questionário nesta comunidade levou-nos a optar por aplicar apenas a secção do questionário referente à caracterização sociodemográfica e à relação com a arte xávega. Para o tratamento da informação recorreu-se ao software aplicativo SPSS, e à análise estatística univariada e bivariada das variáveis.

4. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 - PESCADORES E ARMADORES

No conjunto das companhas o número de elementos que as constituem varia entre as companhas de mar e terra, e entre companhas distintas. O número de pescadores que constituem as companhas do mar pode variar entre 3 e 6, sendo 5 o número mais comum encontrado no nosso estudo. Nas companhas de terra o número de pescadores é mais elevado e pode variar entre 8 (10 ou menos) e 22 (mais de 15) (cf. tabela 1). Note-se que apenas a companha de terra do Algarve recorre a mais de 15 pescadores por ainda ser realizada de forma exclusivamente manual, sem recurso a tratores. As restantes companhas de terra operam em geral com cerca de 11 a 15 pescadores (cf. tabela 1) com o auxílio de 3 tratores na praia (tendo um quarto a que recorrem em caso de avaria). A maioria das embarcações foram adquiridas pelos armadores, e apenas três das embarcações das Praias da Leirosa, Mira e Tocha, eram herança de família. Apesar de 2 destas embarcações terem quase 50 anos, de um modo geral as companhas utilizam embarcações recentes, tendo a maioria sido construída após 2006.

Tabela 1 – Número total de pescadores por companha de mar e de terra

Companha	Número total de Pescadores	N	%
de mar	3	2	18.2
	4	2	18.2
	5	6	54.5
	6	1	9.1
	Total	**11**	**100**
de terra	10 ou menos	4	36.4
	Entre 11 e 15	6	54.5
	Mais de 15	1	9.1
	Total	**11**	**100**

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Em termos demográficos, a maioria dos inquiridos é do sexto masculino, tendo nascido e atualmente residente nos concelhos onde praticam a arte xávega (Mira, Murtosa, Lagos, Figueira da Foz, Marinha Grande). O número de mulheres que integram as companhas é reduzido, apenas 3, sendo que estas participam exclusivamente na designada companha de terra (cf. tabela 2).

Salvaguardando a heterogeneidade e a diversidade das práticas da pesca com xávega ao longo da costa portuguesa, em que a participação das mulheres só poderá ser analisada tendo em conta contextos e dinâmicas específicas, esta situação mostra a divisão sexual do trabalho que caracteriza de modo geral esta arte de pesca, tal como Cano (2013) sublinha. Igualmente, expressa o papel central das mulheres quer como agentes intermediários, quer como agentes no desempenho de outras atividades económicas de forma a garantir um suplemento financeiro e alimentar à família, ou seja, uma estratégia de maximização de recursos económicos (Cano, 2013).

Porém, como alguns inquiridos notam, no passado existia uma maior participação das mulheres nas companhas de terra, sobretudo na escolha e venda de peixe. Na atualidade essa ausência pode ser entendida pela crescente integração das mulheres, em atividades/profissões que oferecem maior estabilidade económica (como na indústria e na prestação de serviços) (Nunes, 2005). Mas, como indicou um dos armadores: “as mulheres recebem menos do que os restantes membros da companha de terra”. Portanto, trata-se igualmente de uma situação de diferença de remuneração e, com efeito, de uma questão de desigualdade de género na economia piscatória que deverá ser considerada para entender a participação das mulheres nas atuais práticas da arte xávega e sua relação com a preservação desta pesca e dos recursos marinhos.

Tabela 2 – Grupo etário

	Masculino	**Feminino**	**Total**	
Grupo Etário	**N**	**N**	**N**	**%**
35 ou menos	4	0	4	4.8
	9	0	9	10.8
Entre 46 e 55	15	2	17	20.5
Entre 56 e 65	23	1	24	28.9
Entre 66 e 75	21	0	21	25.3
Mais de 75	8	0	8	9.6
Total	**80**	**3**	**83**	**100**
%	**96.4**	**3.6**		

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Os pescadores e armadores inquiridos têm em média 59,35 anos, tendo o mais jovem 22 anos e o mais velho 83 anos de idade, apresentando baixos níveis de escolaridade (cf. tabelas 2 e 3). A maioria dos/as inquiridos/as situam-se nos escalões etários dos 56-65 anos e dos 66-75 anos (54,2%) e tem apenas o 1º ciclo completo (63,9%). O acentuado envelhecimento das companhas e a quase inexistência de faixas etárias mais jovens podem ser explicadas pelos baixos rendimentos, instabilidade, sazonalidade e condições pouco aliciantes desta atividade piscatória (Antunes, 2007). Assim, em termos sociodemográficos os resultados do inquérito corroboram as tendências de masculinização, envelhecimento e baixa escolaridade identificadas em estudos anteriores (ver Antunes, 2007; Souto, 2007).

Tabela 3 – Nível de ensino completo

Nível de ensino	**N**	**%**
Sabe ler/escrever	1	1.2
Primeiro ciclo	53	63.9
Segundo ciclo	14	16.9
Terceiro ciclo	8	9.6
Secundário	6	7.2
Ensino Superior	1	1.2
Total	**83**	**100.0**

Em consonância com a média de idades elevada, a maioria dos inquiridos encontra-se reformado (51,8%). A percentagem de inquiridos que está inserido no mercado de trabalho, ou seja, que exerce uma profissão é, ainda assim, expressiva (42,2%) (cf. tabela 4). Isto não significa, contudo, que a pesca seja a sua profissão principal, na verdade apenas 25 do total de 70 inquiridos afirmam ter como principal profissão “Pescadores e trabalhadores qualificados da pesca em águas costeiras e interiores” (e destes importa referir que 8 exercem a atividade da pesca noutra arte). O número reduzido de pescadores que hoje integram uma companha de xávega não é assim apenas o resultado da mecanização das tarefas, mas é também devido aos poucos ganhos desta arte, o que leva os pescadores a procurarem pescas mais remuneradoras (Souto, 2007). Os baixos níveis de ganhos e o facto da pesca da xávega só ser praticável durante parte do ano (5 a 6 meses) torna quase impossível a sua prática sem uma fonte de rendimentos complementar. Por conseguinte, estas comunidades piscatórias caracterizam-se pela pluriatividade, constituindo a pesca com xávega um complemento ao rendimento base, seja o rendimento de outra atividade profissional ou da reforma, isto é, uma estratégia de sobrevivência que visa a maximização dos recursos económicos (Cano, 2013).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Tabela 4 – Condição laboral

Condição laboral	**N**	**%**
Exerce uma profissão	35	42.2
Desempregado, à procura de novo emprego	4	4.8
Reformado	43	51.8
Doméstica	1	1.2
Total	**70**	**100.0**

Da análise do quadro seguinte relativo ao grupo profissional dos/as inquiridos/as, segundo a Classificação Portuguesa das Profissões a 1 dígito (INE, 2011), ressalta a importância do grupo de *Agricultores E Trabalhadores Qualificados Da Agricultura, Da Pesca E Da Floresta* (56,6%), seguido de longe pelo grupo de *Trabalhadores Qualificados Da Indústria, Construção E Artífices* (15,7%) e de *Operadores De Instalações E Máquinas E Trabalhadores Da Montagem* (9,6%) (cf. tabela 5). Entre os/as inquiridos/as do grupo de *Agricultores E Trabalhadores Qualificados Da Agricultura, Da Pesca E Da Floresta* a grande maioria são Pescadores e trabalhadores qualificados da pesca em águas costeiras e interiores (37), pertencendo os restantes ao grupo de Pescadores e trabalhadores qualificados da pesca do largo (alto mar) (9) e Produtores e trabalhadores qualificados na produção animal de carne e de leite (1). Assim, apesar do predomínio do grupo profissional de pescadores, observa-se uma grande diversidade de grupos profissionais entre os inquiridos que praticam a arte xávega, desde empregado de escritório a motorista, passando por agente da autoridade, ainda que predominem as profissões pouco qualificadas.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Tabela 5 - Principal profissão atual ou, se reformado ou desempregado, a última profissão

Profissão	N	%	% válida
Representantes do Poder Legislativo e de Órgãos Executivos, Dirigentes, Directores e Gestores Executivos	3	3.6	3.7
Técnicos e Profissões de Nível Intermédio	1	1.2	1.2
Pessoal Administrativo	3	3.6	3.7
Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Protecção e Segurança e Vendedores	4	4.8	4.9
Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura, da Pesca E da Floresta	47	56.6	58
Trabalhadores Qualificados da Indústria, Construção e Artífices	13	15.7	16
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	8	9.6	9.9
Trabalhadores Não Qualificados	2	2.4	2.5
Total	**81**	**97.6**	**100**
Não Sabe/Não Responde	1	1.2	
Não se Aplica (Doméstica)	1	1.2	
Total	2	2.4	
Total	**83**	**100**	

Entre os que referiram ter como profissão principal “Pescadores e trabalhadores qualificados da pesca em águas costeiras e interiores” ou “da pesca do largo (alto mar)” (46) existe um equilíbrio entre os que referem exercer ou ter exercido outras atividades para além da pesca e os que não exerceram outro tipo de profissão (cf. tabela 6).

Enquanto os “Pescadores e trabalhadores qualificados da pesca em águas costeiras e interiores” ou “da pesca do largo (alto mar)” que referem não exercer ou nunca ter exercido outras atividades para além da pesca têm, em geral, mais de 55 anos e encontram-se reformados, os outros são, em geral, pessoas ligeiramente mais jovens, e estão ainda inseridas no mercado de trabalho (cf. tabelas 6 e 7).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Tabela 6 – Exerce ou exerceu outra atividade para além da pesca por grupo etário

Grupo Etário	Exerce/exerceu outra(s) atividade(s)		Total
	Não	Sim	
35 ou menos	1	2	3
Entre 36 e 45	1	5	6
Entre 46 e 55	3	7	10
Entre 56 e 65	10	5	15
Entre 66 e 75	6	3	9
Mais de 75	2	1	3
Total	**23**	**23**	**46**

Tabela 7 - Exerce ou exerceu outra atividade para além da pesca por condição perante o trabalho

Condição perante o trabalho	Exerce/exerceu outra(s) atividade(s)		Total
	Não	Sim	
Exerce uma profissão	6	19	25
Reformado	17	4	21
Total	**23**	**23**	**46**

De facto, historicamente, esta sempre foi uma arte exercida por pessoas mais velhas e como complemento de outras atividades. Amorim (2001) refere, por um lado, que a estrutura etária dos pescadores que compunham as xávegas de Vila Real de Santo António (Algarve) no início do séc. XX era mais envelhecida do que as dos cercos (a arte de cerco), colocando como hipóteses que a maior produtividade dos cercos captava grupos etários mais jovens ou que seria mais fácil a estes grupos adaptarem-se às alterações tecnológicas. E, por outro lado, a aleatoriedade dos recursos impôs desde sempre a necessidade de polivalência das embarcações e dos homens, pelo que sempre se assistiu ao entrosamento das atividades agrícolas e/ou comerciais ou de transporte (Amorim, 2001).

4.2 - RELAÇÃO COM A ARTE XÁVEGA

A maioria dos inquiridos não tem ninguém na família que esteja ou estivesse ligado à pesca (53,0%, 44 de 83) ou à arte xávega (54.2%, 45 de 83). Note-se, contudo, que se excluirmos os pescadores da companha do Algarve, a proporção inverte-se, e mais de metade dos inquiridos (58,1%, 36 de 62) afirmam ter alguém da família ligado à arte xávega.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Entre os que referiram ter familiares ligados à pesca ou à arte xávega predominam os ascendentes diretos, como avós e pais e outros familiares, sendo raros os casos de pescadores/armadores que referiram ter descendentes diretos associados à pesca (8) ou à arte xávega (1). O que é consonante com o declínio generalizado do número de pescadores associado à baixa atratividade da atividade piscatória. Para lá disso, é um dado interessante porque indica que esta prática estava tradicionalmente associada a uma continuidade de saberes sobre a arte xávega que foram transmitidos na comunidade às novas gerações, mas que tem vindo a ser interrompida ou transformada.

Quando questionados em relação às circunstâncias em que praticam a arte xávega, em primeiro lugar, os pescadores são unânimes em referir a iniciativa individual ou coletiva. Também, nenhum dos membros das comunidades entrevistadas referiu ter participado em mostras etnográficas ou de turismo da pesca com arte xávega. Assim, no contexto desta amostra, o processo de patrimonialização da arte xávega afirma-se mais como um processo de museologização do que de preservação ativa que implique um engajamento e/ou mobilização da população nesse processo.

No que respeita concretamente à situação na profissão face à embarcação, a maioria afirma ser trabalhador por conta de outrem (embora quando questionados nem todos refiram ter contrato de trabalho formal), ou trabalhador informal com ou sem remuneração (incluem-se nesta categoria os membros da companha da Meia Praia que não recebem qualquer remuneração).

Em segundo lugar, a maioria dos inquiridos, como seria de esperar dada a dimensão dos barcos e o recurso a motores, participa exclusivamente na companha de terra (56,6%). Como refere Souto (2007), atualmente apenas 3 pescadores são suficientes para manobrar o *aparelho*. De notar também, por um lado, que são poucos os pescadores que participam exclusivamente na companha de mar (18,1%), ou seja, os pescadores que vão ao mar participam também nas atividades da companha de terra (24,1%), designadamente na escolha do peixe.

E notar, por outro lado, que os pescadores que participam na companha de mar (seja de forma exclusiva ou não) são tendencialmente mais jovens do que os que participam exclusivamente na companha de terra: 54,3% dos pescadores que participam na companha de mar têm 55 anos ou menos, enquanto entre os pescadores que participam na companha de terra esta percentagem é de apenas 23,4% (cf. tabela 8).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Tabela 8 – Participação na arte xávega por grupo etário

Grupo Etário	Companha de Mar (e Terra)	Companha de Terra	Total
35 ou menos	3	1	4
Entre 36 e 45	6	3	9
Entre 46 e 55	10	7	17
Entre 56 e 65	9	14	23
Entre 66 e 75	7	14	21
Mais de 75	0	8	8
Total	**35**	**47**	**82**

Os estudos de Amorim (2001), Nunes (2005) e Souto (2007) apontam para uma especialização de papéis tanto na companha de mar como na companha de terra. Por exemplo, no mar, "o arrais do mar (responsável pela embarcação e pela escolha do local de pesca), o motorista ou homem do mar (responsável pelo motor) e o calador (responsável por calar o aparelho)" (Souto, 2007, p.125). Em terra, os pescadores podem ter as designações de auxiliar em terra ou auxiliar da pesca (Amorim, 2001). A estes auxiliares, com papéis bem definidos, juntavam-se homens velhos, mulheres e crianças que se aproximam da praia sempre que se anunciava a chegada de peixe, para auxiliar no puxar das redes (idem).

Os resultados do inquérito e a observação realizada revelam que nas companhas atualmente em atividade, a maioria dos inquiridos não tem um papel definido, para o que contribui a mecanização da atividade (com os tratores e o motor do barco) aliada à redução do número de pescadores das companhas. O armador (dono do barco) acumula muitas vezes diversas tarefas desde mestre da embarcação, arrais, motorista dos tratores. Os pescadores que participam na companha de terra desempenham as diversas tarefas necessárias, desde puxar a corda, a arrumar as redes no barco até lavar os cabazes e escolher o peixe.

Em terceiro lugar, e como já referido acima, a arte xávega assume-se como uma fonte de rendimentos complementar, seja um complemento à reforma ou à atividade profissional principal. Para a grande maioria dos entrevistados a pesca com arte xávega é uma atividade em *part-time* ou pontual (56.6%), da qual obtêm menos de metade dos seus rendimentos (77%). Assim, a arte xávega pelo seu carácter sazonal e aleatório é, para a maioria dos inquiridos, considerada apenas um rendimento extra, sendo poucos os pescadores e armadores que referem obter a totalidade dos seus rendimentos somente através da pesca com arte xávega (14,8%) (cf. tabelas 9 e 10).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Tabela 9 – Exercício da pesca com arte xávega

Pesca com arte xávega	**N**	**%**
Tempo-inteiro	36	43.4
Part-time	22	26.5
Pontual	25	30.1
Total	**83**	**100.0**

Tabela 10 - Rendimentos da arte xávega

Rendimentos da arte xávega	**N**	**%**	**% válida**
Totalidade dos rendimentos mensais	9	10.8	14.8
Mais de metade dos rendimentos mensais	1	1.2	1.6
Metade dos rendimentos mensais	4	4.8	6.6
Menos de metade dos rendimentos mensais	47	56.6	77.0
Total	**61**	**73.5**	**100.0**
Não obtém rendimentos da xávega	20	24.1	
Não sabe/Não responde	2	2.4	
Total	**21**	**26.5**	

Ao mesmo tempo, por um lado, nota-se a prevalência de baixos rendimentos da atividade da pesca com arte xávega, sendo a soma da percentagem de inquiridos que obtém mais de 150 euros por semana relativamente baixa (22,4%), correspondendo em geral aos armadores e aos mestres de embarcação/arrais) (cf. tabela 11).

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

Tabela 11– Rendimentos obtidos na xávega por semana

Rendimentos (em Euros)	**N**	**%**	**% válida**
Até 50	15	18.1	25.9
Entre 51 e 100	15	18.1	25.9
Entre 101 e 150	15	18.1	25.9
Entre 151 e 200	4	4.8	6.9
Entre 201 e 250	4	4.8	6.9
Mais de 250	5	6.0	8.6
Total	**58**	**69.9**	**100.0**
Não aplicável (sem rendimentos)	20	24.1	
Não sabe/Não responde	5	6.0	
Total	25	30.1	
Total	**83**	**100.0**	

Procurou-se averiguar, igualmente, em que medida as capturas da pesca com arte xávega contribuem para a subsistência das comunidades piscatórias. A maioria dos inquiridos afirma levar para casa, sempre ou quase sempre, peixe da arte xávega (54,2%). A percentagem de inquiridos que afirma raramente ou nunca levar peixe para casa é baixa (25.3%). Contudo, a prática tradicional de dividir as capturas pela companha não é praticada em todas as praias. Por exemplo, nas praias da Vieira de Leiria e da Leirosa alguns dos pescadores referiam que tinham de pagar/comprar o peixe que levavam para casa, o que pode explicar o facto de parte dos pescadores afirmarem só levar peixe para casa às vezes ou mesmo raramente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados permite chegar a três grandes conclusões. Em primeiro lugar, a pesca com arte xávega, apesar de ser uma atividade em declínio, continua a ser praticada nas praias portuguesas em articulação com novos desafios e contextos. Em segundo lugar, os resultados corroboram, em termos gerais, o perfil demográfico e socioeconómico que tem caracterizado a comunidade piscatória que pratica arte xávega. Isto é, uma comunidade composta maioritariamente por homens, mais velhos, reformados, pouco escolarizados e em que a arte xávega funciona como uma estratégia financeira para complementar o rendimento familiar. Os pescadores que não são reformados trabalham muitas vezes a tempo parcial e têm remunerações baixas, o que obriga à obtenção de rendimentos suplementares e ao exercício de outras atividades remuneradas, tanto na

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

agricultura, como na pesca de carácter industrial ou mesmo no comércio, destacando-se aqui o papel das mulheres.

Contudo, e em terceiro lugar, o presente artigo constatou que a arte xávega mobiliza uma comunidade mais ampla e diversificada do que a que é tradicionalmente associada à arte xávega – pescadores de idade avançada e reformados –, permitindo sinalizar diferentes lógicas de relação com o ambiente e seus recursos. Ou seja, os resultados revelam *nuances* na prática da arte xávega, desde uma relação economicista de exploração dos recursos até uma relação de cariz mais hedonista. Assim, é possível identificar 4 perfis sociodemográficos e económicos de relação com a arte xávega: o pescador de subsistência, o pescador profissional, o pescador em *part-time* (biscate) e o pescador hedonista.

No perfil de pescador de subsistência enquadram-se os pescadores com 55 anos ou mais, reformados (da pesca ou de outra atividade) que participam usualmente apenas na companha da terra e em que a arte xávega representa um (pequeno) complemento ao rendimento obtido com a reforma. No caso destes pescadores, a relação com a arte xávega tem algumas semelhanças com a agricultura de subsistência, em que o principal objetivo não é o lucro/rendimento, mas a produção de alimentos para garantir a sobrevivência do agricultor/pescador, da sua família e da comunidade em que está inserido. O perfil de pescador profissional inclui os pescadores e armadores cuja atividade profissional principal é a arte xávega, onde exercem tarefas especializadas (armador, arrais, mestre e/ou encarregado) e daí obtêm a totalidade ou a maioria dos rendimentos, e que representam uma minoria nas comunidades piscatórias. No perfil de pescador a *part-time* (biscate) integram-se os pescadores em que a arte xávega faz parte de uma estratégia de sobrevivência, representando metade ou menos de metade dos seus rendimentos. Estes pescadores combinam subsídio de desemprego ou outro tipo de subsídios, a pesca noutras artes e outro tipo de biscates com a prática da arte xávega em part-time. Por fim, o perfil de pescador hedonista inclui os pescadores inseridos no mercado de trabalho, em atividades económicas estranhas à pesca, e que participam na arte xávega como um *hobby*, atividade lúdica e de companheirismo, como é o caso dos pescadores da Meia Praia.

Para concluir, sinalizam-se algumas limitações desta análise. Parte das limitações decorrem, sobretudo, da metodologia adotada e dos constrangimentos na sua aplicação. Primeiro, se a opção por um inquérito por questionário de aplicação rápida permitiu aceder a uma população volátil, difícil de aceder fora do contexto da prática da arte xávega, implicou também o não acesso aos conhecimentos e à experiência de vida dos pescadores. Segundo o inquérito por questionário foi aplicado a apenas parte das comunidades de arte xávega, uma vez que as condições meteorológicas não foram favoráveis à prática deste tipo de pesca no período em que estavam disponíveis os recursos humanos para aplicação do questionário. A diversidade encontrada justifica a extensão deste questionário a outras comunidades, nomeadamente na região de Lisboa e Setúbal. Terceiro, o

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

contexto de aplicação dos questionários pode ser suscetível a enviesamentos nas respostas, por exemplo nas questões relacionadas com os rendimentos.

Porém, a presente análise permitiu alertar para a importância de considerar as diferentes lógicas de relação que as comunidades piscatórias têm com a arte xávega. Neste sentido, as políticas públicas relacionadas com as pescas e as suas comunidades, e a regulação da arte xávega, em particular, devem então ser reequacionadas não só tendo em conta o impacto deste tipo de pesca nos recursos marítimos, mas também os impactos económicos, socioculturais e socioambientais nestas comunidades piscatórias artesanais. Conhecer a forma como estas populações se relacionam com os recursos naturais/ambientais, neste caso com o mar, pode contribuir para a promoção de ações de cidadania ambiental participativa, de educação ambiental e de resiliência socioecológica das comunidades piscatórias, em contextos onde cada vez mais se vivenciam quotidianamente os efeitos multidimensionais, e transnacionais, das alterações climáticas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO-DIAS, M. *et al.* **A pequena pesca na costa continental portuguesa em 2005**. Programa Nacional de Recolha de Dados da Pesca, Faro: Universidade do Algarve / Direcção- Geral das Pescas e Aquicultura, 2007.

ALVES, F. *et al.* Impactos Socioeconómicos e Culturais das Interações Sócioambientais em torno dos recursos endógenos. *In.:* **Parte 2 – ReNATURE MAR**: Caracterização socioeconómica das comunidades de pesca com arte xávega da Região Centro. Relatório (Final do Projeto ReNATURE: Valorização dos Recursos Naturais Endógenos da Região Centro, Centre for Functional Ecology - Science for People & the Planet (CFE) - Universidade de Coimbra-Portugal, Coimbra, 2020.

ALVES, F. *et al.* Small-scale artisanal fisheries and its networks: The case of Arte Xávega in Portugal. **Marine Policy**, v. 128, n. 104484, p. 1-8, 2021.

AMORIM, I. **História do Trabalho e das Ocupações**, **vol. II**: as pescas. Oeiras: Celta Editora, 2001.

ANTUNES, M. **Caracterização da Pesca com Arte de Xávega na Zona Costeira adjacente ao Estuário do Tejo.** 2007. Dissertação (Mestrado em Pescas e Aquacultura) - Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa-Portugal, Lisboa, 2007.

BRAGA, H. O. *et al.* Fishers' knowledge in Southeast Brazil: The case study of the Brazilian sardine. **Ocean & Coastal Management**, v. 165, p. 141-153, 2018.

BRANCO, F. **Comunidades piscatórias e mudança social: alterações climáticas, transferência de conhecimento e estratégias de adaptação**. 2018. Tese (Doutoramento em Alterações Climáticas e Políticas de Desenvolvimento Sustentável / Sociologia do Ambiente e do Território) - Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Universidade Nova de Lisboa-Portugal, Lisboa, 2018.

CANO, M. C. S. **A dinâmica social dos pescadores da arte xávega na Praia de Mira.** 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural e Social) - Universidade de Coimbra-Portugal, Coimbra, 2010

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

CANO, M. C. S. Pescadores da Praia de Mira: um estudo de caso sobre a arte xávega. *In.:* ESPINA BARRIO, A. B. (Org.). **Culturas y mestizajes iberotropicales**. Recife/PE: Editorial Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 2011. p. 512-522.

CANO, M. C. S. A pesca enquanto estratégia de maximização dos recursos económicos. In.: ESPINA BARRIO, A. B. (Org.). **Contención y Derroche. Economía, Fiesta y Cultura en Iberoamérica**. Salamanca: Instituto de Investigaciones Antropológicas, 2013. p. 351-371.

COELHO, M. Situação e perspectivas de desenvolvimento das pescas portuguesas. A Política Comum de Pescas. *In.:* MONIZ, A. B. *et al.* (Orgs.), **Pescas e Pescadores. Futuros para o Emprego e os Recursos**. Oeiras: Celta, 2000. p.123-149.

DELICADO, A. *et al.* Pescadores, conhecimento local e mudanças costeiras no litoral Português. **Revista de Gestão Costeira Integrada**, v. 12, n. 4, p. 437-451, 2012.

ESCALLIER, C. Investigar: guia etnográfico das sociedades marítimas e piscatórias. **Argos: Revista do Museu Marítimo de Ílhavo**, v. 6, p. 28-48, 2018.

EUROPEAN COMISSION. **Facts and figures on the common fisheries policy**. Brussels: European Comission, 2016.

FARR, E. R. *et al.* Effects of fisheries management on local ecological knowledge. **Ecology and Society**, v. 23, n. 3, p. 15-9, 2018.

FILHO, W. L. *et al.* Reinvigorating the sustainable development research agenda: the role of the sustainable development goals (SDG). **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, p. 1-12, 2017.

GARRIDO, A. **As pescas em Portugal**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018.

GATO, A. C. S. N. **A prática da Arte Xávega e os seus percursos de resistência entre a tradição ea modernidade**: estudo de caso na Vila de Sesimbra e no Meco. 2018. Dissertação (Mestrado em Cidadania Ambiental e Participação) - Universidade Aberta, Lisboa-Portugal, 2018.

INE. **Classificação Portuguesa das Profissões**: 2010. Lisboa: Instituto Nacional de Estatísticas, 2011.

INE. **Estatísticas da Pesca 2016**. Lisboa: Instituto Nacional de Estatísticas, 2017.

JORGE, I. *et al.* Contribuição para o conhecimento da pescaria da xávega da zona centro. **Relatórios Científicos e Técnicos Instituto de Investigação das Pescas e do Mar**, v. 85, p. 1-22, 2002.

LEITÃO, F.; BAPTISTA, V. The discard ban policy, economic trends and opportunities for the Portuguese fisheries sector. **Marine Policy**, v. 75, p. 75-83, jan. 2017.

LOTO, L. *et al.* Fishermen Ecological Knowledge and Complex Adaptive Systems: an interpretative model for small-scale fisheries. **Ambiente & Sociedade**, v. 22, p. 1-18, 2019.

MARTÍ, C. **Política Comum das Pescas**: origem e evolução. Parlamento Europeu: Fichas temáticas sobre a União Europeia, 2017 Recuperado de: https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/fiches_techniques/2013/050301/04A_FT(2013)050301_PT.pdf

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

MARTINS, R. *et al.* A pesca com arte de xávega. **Relatórios Científicos e Técnicos do Instituto de Investigação das Pescas e do Mar***,* v. 48, p. 1-32, 2000.

MARTINS, R. *et al.* **Comissão de Acompanhamento da arte xávega (2014) - Relatório de Caracterização da Pesca com Arte Xávega**. Lisboa: Direcção-Geral das Pescas e Aquicultura, 2000.

MONIZ, A. B. *et al*. Introdução. *In.:* MONIZ, A. B. *et al.* (Orgs.). **Pescas e Pescadores. Futuros para o Emprego e os Recursos**. Oeiras: Celta, 2000. p. 3-7.

MUÑOZ, D. M. Aportación a los conceptos de turismo marinero/pesquero y pesca-turismo. **Cuadernos de Turismo***,* v. 42, p. 385-396, 2018.

NUNES, F. O. **A arte xávega na Praia da Vieira**. Histórias e Imagens – documentos fotográficos de Dora Landau, Vergílio Guerra Pedrosa e outros. Vieira de Leiria: Junta de Freguesia de Vieira de Leiria, 2004.

NUNES, F. O. **Hoje por ti, amanhã por mim***:* a arte xávega no litoral central português. 2005. Tese (Doutorado) - ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa-Portugal, Lisboa, 2005.

NUNES, F. O. Da indeterminação do mundo: os santos, o mar, a luz. **Lusitania Sacra**, v. 40, p. 169-187, 2019.

OUTEIRO, L. et al. The role of non-natural capital in the co-production of marine ecosystem services. **International Journal of Biodiversity Science, Ecosystem Services & Management**, v. 13, n. 3, 35-50.

PASCUAL-FERNÁNDEZ, J. J. *et al*. **Small-Scale Fisheries in Europe***:* Status, Resilience and Governance. Switzerland: Springer, MARE Publication Series, 2020.

PERALTA, E. **A memória do Mar**: Património, Tradição e (Re)imaginação identitária na contemporaneidade. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2008.

PEREIRA, O. N. A. *et al*. Considerações sobre a arte xávega em Portugal: sua introdução, desenvolvimento e teorias inerentes. *In.:* PEREIRA, O. N. A. *et al*. **O Homem e as Zonas Costeiras**. Rio de Janeiro: Faperj, 2015. p.121-139.

PITA, P. *et al*. The use of the traditional ecological knowledge of fishermen, cost-effective tools and participatory models in artisanal fisheries: Towards the co-management of common octopus in Galicia (NW Spain). **Fisheries Research**, v. 178*,* p. 4-12, 2016.

PITA, C.; GASPAR, M. "Small-Scale Fisheries in Portugal: Current Situation, Challenges and Opportunities for the Future". *In.:* PASCUAL-FERNÁNDEZ, J. J. *et al*. (Eds.). **Small-Scale Fisheries in Europe**: Status, Resilience and Governance. Switzerland: Springer, MARE Publication Series, 2020. p. 283-305

RODRIGUES, H. A. **Arte Xávega na Comunidade da Praia da Vieira de Leiria***:* a sua Patrimonialização. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais) - ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa-Portugal, 2013.

RODRIGUES, J. G. *et al.* Marine and Coastal Cultural Ecosystem Services: knowledge gaps and research priorities. **One Ecosystem**, v. 2, n. e12290, p. 1-33, 2017.

RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

ROUX, M. J. *et al*. Small-scale fisheries in Canada's Arctic: Combining science and fishers' knowledge towards sustainable management. **Marine Policy**, v. 101, p. 177-186, .

SANTOS, B. **A Arte Xávega em Espinho**: notas para a compreensão da arte xávega como património imaterial. 2015. Relatório (Estágio em mestrado de História da Arte, Património e Turismo Cultural) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra-Portugal, Coimbra, 2015.

SANTOS, M. P. N. *et al.* A Pesca enquanto atividade humana: Pesca Artesanal e Sustentabilidade. **Revista de Gestão Costeira Integrada**, v. 12, n. 4, p. 405-427, 2012.

SOARES, S. (Coord.) **Arte Xávega**: Lavada: Festa do Pescador. Quarteira = Fisherman Festival, Quarteira. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, 2016.

SOUTO, H. **Comunidades de pesca artesanal na costa portuguesa na última década do século XX**. Lisboa: Academia de Marinha, 2007.

VEIGA, P. *et al*. The EU landing obligation and European small-scale fisheries: What are the odds for success? **Marine Policy**, v. 64, p. 64-71, 2016.

VIEGAS, M. C.; TEDIM, F. Pequenas Comunidades Piscatórias nas Paisagens Litorais do Norte de Portugal: da lenta 'Agonia' à Revitalização. *In.:* **Atas do II Encontro CITCEM - O MAR | Patrimónios, Usos e Representações**. 2012.

VIEGAS, M. E. F. S. Território: Sobrevivência Cultural e materiais de um povo – Arte Xávega na Praia da Vagueira-Vagos/ Aveiro-Portugal. **Diversitas Journal**, v. 5, n. 2, 1042-1067, abr./jun. 2020.

Legislação

DRE. **Portaria nº 488/96. Regulamento da Pesca com a Arte de Xávega**. Portugal: Diário da República, 1996. 1º Série, 213. p. 3167-3170.

DRE. **Portaria nº 4/2013. Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte Xávega**. Portugal: Diário da República, 2013. 1º Série, 4. p. 43-44.

DRE. **Portaria nº 104/2015. Realização de um estudo sobre a atividade da arte-xávega**. Portugal: Diário da República, 2015. 1º Série, 69, 1788-1789.

DRE. **Portaria nº 172/2017 (2017) Regime participado de gestão e acompanhamento da pescaria com arte-xávega**. Portugal: Diário da República, 2017. 1º Série, 101, 2543-2545.

Websites

COSTADECAPARICA.COM. **A Arte Xávega é agora Património Cultural Imaterial de Portugal**. 2017. Recuperado de http://www.costadecaparica.com/2017/03/06/arte-xavega-agora-patrimonio-cultural-imaterial-portugal/

DIREÇÃO GERAL DE RECURSOS NATURAIS. **Segurança e Serviços Marítimos (DGRM) (s/d). Envolvente Arrastante - Arte Xávega**. Recuperado de https://www.dgrm.mm.gov.pt/envolventes-arrastantes